

22-01-2020

O Futuro do Pretérito e o Presente do Futuro

Francisco Lacaz

[Doutor em Medicina. Professor Titular Sênior da Escola Paulista de Medicina da UNIFESP]

Isaac Asimov era considerado dos maiores ficcionistas do século XX. Suas previsões, iniciadas nos anos 1960, chegaram até os anos 1990, sendo autor/editor de mais 500 livros, cuja série mais famosa é denominada Fundação, incluindo livros de contos ambientados num universo ficcional retratando futuro da espécie humana (Nogueira, 2020). Até sua data de nascimento era uma ficção, tendo nascido na Rússia, filho de pais que trabalhavam em moinhos “... entre 4 de outubro de 1919 e 2 de janeiro de 1920, esta última data [foi] adotada pelo próprio pelo seu aniversário” (Nogueira, 2020, p.A15).

Sua família foi para os EUA em 1923: ele nunca aprendeu russo. Era químico, abandonando “... o curso de zoologia em protesto pela dissecação de um gato. Doutorou-se em química, tornou-se professor de bioquímica na Universidade de Boston em 1949.” (Nogueira, 2020, p.A15) A fixação, em sua ficção, pela robótica (palavra que inventou), levou-o a propor as três leis da robótica - que tratam da ética que (deveria) reger máquinas que adotam Inteligência Artificial (IA) -, visando controlar robôs contra prejuízos a nós, humanos. Elas prescrevem que:

... um robô não pode ferir um humano ou permitir que um humano sofra algum mal; (...) os robôs devem obedecer às ordens dos humanos, exceto nos casos em que tais ordens entrem em conflito com a primeira lei; (...) um robô deve proteger sua própria existência, desde que não entre em conflito com as leis anteriores (Nogueira, 2020, p.A15).

Paradoxalmente, não é preciso ser pitonisa para prever que as referidas leis, mesmo sendo uma barreira ética para os avanços da IA, são infringidas desde há muito tempo, sendo corriqueiras notícias dando conta da morte de trabalhadores provocadas por robôs. Asimov previu em artigo publicado em 1964 sobre as tecnologias do cotidiano, que máquinas fariam cada vez mais o trabalho domiciliar; e a possibilidade da existência dos “trens bala” que utilizam campos magnéticos para fluírem e desenvolverem velocidades acima de 600 km/h. Mas, mesmo com otimismo tecnológico, previu que haveria um aumento da desigualdade social separando cada vez mais os que estão no topo da sociedade daqueles que estão na base, algo que caracterizará o capitalismo cada vez mais (Piketty, 2014).

Ademais apontou que o ócio crescerá pelo uso das máquinas com IA ocorrendo o domínio da sociedade pelo tédio e, conseqüentemente, problemas emocionais, mentais e de fundo sociológico bastante graves (Nogueira, 2020). É o que se prenuncia com o crescimento do desemprego estrutural no mundo todo pela substituição do trabalho vivo por máquinas (Lacaz, 2016). Se nos anos 1960 tais previsões já deveriam assombrar-nos, em 1983 Asimov publica importante artigo prevendo o futuro da espécie humana e da Terra. Nele, aponta que muitos empregos serão consumidos pela computadorização, havendo a criação de outros, realidade esta que envolveria uma difícil fase de acomodação, a qual, para ele, estaria resolvida em 2019 (Nogueira, 2020). Mais uma vez o otimismo tecnológico “asimoviano” é desmentido, pois tanto a extinção de vários tipos de emprego, como sua substituição por outros mediados pela IA não tornaram a situação melhor, já que a avassaladora precarização do trabalho relaciona-se tanto com os empregos extintos, trazendo desemprego que se aprofunda e subemprego, como aqueles que são criados embutem a precariedade como sua marca registrada. Não ficou de fora das preocupações de Asimov a situação ambiental, também vista sob ótica otimista, pois, para ele

“A irresponsabilidade humana com questões ambientais ficará (...) clara e, em 2019, avanços tecnológicos permitirão reverter a deterioração.” (Nogueira, 2020, p.A15) Por fim, a corrida espacial iniciada em 1957 com o lançamento do Sputnik - o que teria motivado os escritos de Asimov de popularização da ciência -, depois marcada pela descida na Lua em 1969 -, não ficou de fora das suas previsões tendo apontado que “Em 2019, estaremos de volta à Lua, a colonização do espaço avançará e (...) levaremos nossas indústrias ao espaço.” (Nogueira, 2020, p.A15) O que se observa no presente com olhos no futuro, é que o avanço na conquista do espaço com a colonização não mais da Lua, mas de Marte, não se relaciona a um ingênuo avanço tecnológico, desprovido de interesses: trata-se de Marte ser habitado pela grande burguesia norte-americana (e mundial) para fugir da destruição da Terra resultante de sua exploração desmedida como fruto da lógica capitalista. Não é por acaso que já estão à venda passagens para Marte ao módico preço de US\$ 200 mil! ■■■

Referências

- Lacaz, FAC. Continuam a adoecer e morrer os trabalhadores: as relações, entraves e desafios para o campo Saúde do Trabalhador. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, v. 41, e13, 2016.
- Nogueira, S. No centenário de Asimov, suas ideias nunca foram tão atuais. *FOLHA de SÃO PAULO*. Edição de 02/02/2020, p. A 15.
- Piketty, T. *O Capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. [1ª. edição]

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.